



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**O ENSINO DE FILOSOFIA:
um olhar dos alunos do segundo ano do ensino médio de Blumenau**

**THE TEACHING OF PHILOSOPHY:
a look from second year students of high school in Blumenau**

**FILOZOFIA INSTRUADO:
vidon de duajaraj studantoj de mezlernejo en BLUMENAU**

Angelo Vandiney Cordeiro¹⁵**Resumo**

Este artigo pretende discutir questões relacionadas a presença obrigatória da filosofia no Ensino Médio desde 2008, sob a perspectiva dos estudantes. A questão colocada aos alunos foi: Como você gostaria de aprender filosofia? Para a elaboração do mesmo utilizamos documentos que são inerentes a educação brasileira, como Orientações Curriculares para o Ensino Médio e LDB, bem como, autores que discutem o ensino de filosofia e propõem caminhos para melhorar o filosofar no Ensino Médio, dentre eles Silvio Gallo, Renata Aspis, Celso Favaretto, Walter Kohan, dentre outros. A pesquisa com alunos fez parte do projeto de pesquisa do mestrado em educação que teve como título, “Sentido de filosofia: o que pensam estudantes do ensino médio”. O instrumento de geração de dados foi realizado através da aplicação de questionário, sendo que para este artigo, foi utilizado apenas uma pergunta de sete questões desenvolvidas na dissertação do Mestrado em Educação. As questões foram respondidas pelos alunos do segundo ano do Ensino Médio, totalizando 53 participantes, estes, estudantes de escolas públicas de Blumenau. Contribuir para melhorar a forma de trabalhar com filosofia através da visão dos alunos, abre um campo de compreensão com perspectivas diferenciadas, bem como a valorização do pensar filosófico no ensino médio.

Palavras-chave: Filosofia. Ensino de Filosofia. Ensino Médio.

Abstract

This article aims to discuss issues related to the mandatory presence of philosophy in high school since 2008, from the perspective of students. The question posed to the students was: How would you like to learn philosophy? For its elaboration, we used documents that are inherent to Brazilian education, such as Curriculum Guidelines for High School and LDB, as well as authors who discuss the teaching of philosophy and are proposing ways to improve philosophizing in high school, among them Silvio Gallo, Renata Aspis, Celso Favaretto, Walter Kohan, among others. The research with students was part of the research project of the Masters in Education, which was entitled, “Sense

¹⁵ Mestre em educação pela Universidade Regional de Blumenau – FURB. E-mail: avcordeiro@furb.br



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

of philosophy: what high school students think”. The data generation instrument was performed through the application of a questionnaire, and for this article, only one question of seven questions developed in the Master's in Education dissertation was used. The questions were answered by students from the second year of high school, totaling 53 participants, these, students from public schools in Blumenau. Debating methodology, contributing to improve the way of working with philosophy, through the students' perspective, opens up a field of understanding with different perspectives, as well as the appreciation of philosophical thinking in high school.

Keywords: Philosophy. Teaching of Philosophy. High school.

Resumo

Ĉi tiu artikolo celas diskuti temojn ligitajn al la deviga ĉeesto de filozofio en mezlernejo ekde 2008, el la perspektivo de studentoj. La demando starigita al la studentoj estis: Kiel vi ŝatus lerni filozofion? Por ĝia ellaborado, ni uzis dokumentojn, kiuj estas propraj al la brazila edukado, kiel Curriculum Guidelines por Mezlernejo kaj LDB, kaj ankaŭ aŭtorojn, kiuj diskutas pri filozofio-instruado kaj proponas manierojn plibonigi filozofiadon en mezlernejo, inter ili Silvio Gallo, Renata. Aspis, Celso Favaretto, Walter Kohan, inter aliaj. La esploro kun studentoj estis parto de la esplorprojekto por la Magistro pri Edukado, kiu havis la titolon, “Senco de filozofio: kion pensas gimnazianoj”. La datumgenera instrumento estis farita per la aplikado de demando, kaj por ĉi tiu artikolo, nur unu demando el sep demandoj evoluigitaj en la disertaĵo de Majstro pri Edukado estis uzata. Al la demandoj respondis studentoj de la dua gimnazia jaro, entute 53 partoprenantoj, ĉi tiuj, studentoj de publikaj lernejoj en Blumenau. Kontribui al plibonigado de la maniero labori kun filozofio per la perspektivo de la studentoj malfermas kampon de kompreno kun malsamaj perspektivoj, same kiel la aprezon de filozofia pensado en mezlernejo.

Ŝlosilvortoj: Filozofio. Instruado de Filozofio. Mezlernejo.

INTRODUÇÃO

A presença da Filosofia como disciplina obrigatória na grade curricular no Ensino Médio é recente no Brasil, “tendo deixado de ser obrigatória em 1961 (Lei nº 4.024/61) e sendo em 1971 (Lei nº 5.692/71) excluída do currículo escolar oficial” (BRASIL, 2008. p. 16), só voltando a ser parte integrante do currículo a partir da década de 1990, pela “Lei nº 9.394/96, a qual determina que ao final do Ensino Médio o estudante deva dominar os conteúdos de Filosofia e Sociologia, necessários ao exercício da cidadania” (Idem), porém, a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Lei nº 11.684/08 altera o art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio (BRASIL, 1996)

Em seus estudos Silvio Gallo, mostra que Dalton José Alves, apresenta um traçado histórico da presença e ausência da Filosofia no currículo das escolas médias no Brasil,

Dalton mostra-nos quatro situações: “presença garantida” (durante o império); “presença indefinida” (desde o advento da República até o golpe militar dos anos de 1960); “ausência definida” (durante o regime militar) e “presença controlada” (durante a redemocratização), dos anos de 1980 até a publicação da LDB em 1996 (ALVES, 2002. p. XV)

Por a filosofia ser resistente ao impensado, ao não dialogado, e a favor do debate, da discussão de ideias e posicionamentos, ela foi obrigada a se retirar do currículo do Ensino Médio, “sua exclusão definitiva acontece com a aprovação da LDB nº 5.692/71, que tornou a formação de nível médio técnica e com caráter de terminalidade compulsória”. Horn e Mendes, (2007, p. 166) destacam que, “após 1964, o governo da ditadura militar, alegando que a Filosofia servia apenas para a doutrinação política, retirou o ensino de Filosofia da escola por figurar como disciplina perigosa para a manutenção do sistema”, ou seja, continua a saga de inclusão e exclusão da filosofia como disciplina no currículo do Ensino Médio no Brasil.

Sobre essa instabilidade da filosofia na educação básica brasileira, Horn e Mendes, (2007), trilham a mesma linha de Alves, ao considerarem que,

Essa contingência do ensino na estrutura educacional brasileira não é recente. Remonta ao início da colonização, com a educação dos jesuítas. Já naquele tempo, emergiam os problemas relacionados à filosofia e seu ensino, ou seja, a falta de um lugar definido para a Filosofia no currículo escolar, com alternâncias de presença e ausência da Filosofia enquanto disciplina escolar. Além disso, a Filosofia assumiu, dependendo do período histórico, funções diversas como, formar homens letrados, eruditos, ou para sustentar concepções doutrinadoras de cunho religioso e ou político (HORN; MENDES, 2007, p. 166).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Durante a ditadura militar de 1964 a 1985, a repressão e a censura estiveram no controle da produção de ideias contrárias ao regime ditatorial, estudantes, professores, artistas e políticos que fizeram oposição ao governo sofreram perseguições. Na educação não foi diferente, na década de 1960, acordos entre o Brasil e EUA, pelo então conhecido MEC-USAID, tornaram a educação técnica, ligada a produção e a economia. Desta forma, a Filosofia é retirada do currículo, pois neste momento ela poderia ser perigosa para a mente censurada da população brasileira.

A partir da segunda metade da década de 1970 a ditadura começa a dar sinais de abertura, ainda sob o domínio dos militares, os quais diziam ser lenta e gradual, acompanhavam de perto para não perder o controle sobre a oposição.

Em meio a esse cenário político, segundo Horn e Mendes, (2007),

alguns professores ligados ao Curso de Filosofia da UFPR iniciaram um movimento reivindicatório (regional) pela volta da Filosofia ao segundo grau nas escolas da rede pública. Esse tipo de movimento não ocorreu somente no Paraná; também Estados como São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, entre outros, lutaram pelo retorno da Filosofia nas escolas. Foi um forte movimento de contestação contra a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº. 5.692/71, que retirou a disciplina de Filosofia do currículo do então 2º Grau. Esse processo de luta culminou com a criação, em 1975-76, da Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas (SEAF). (HORN; MENDES, 2007, p. 167).

Com esse esforço e organização, começa a luta para colocar a Filosofia novamente como disciplina no Ensino Médio. A mobilização de professores e adeptos de uma educação humana, dedicaram-se a essa problemática. Desde quando a Filosofia foi banida do currículo em 1971, ela deixou uma lacuna, espaços a serem completados na educação básica brasileira, pois em conjunto com outras disciplinas, ela estimula aquilo que o ser humano tem para desenvolver, que é a capacidade de criação, de reflexão e significação constante de suas ações cotidianas. Aos poucos as portas foram se abrindo, conforme Horn e Mendes (2007)

afirmam:



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

no final do período de repressão, com o início da abertura política, a Lei 5.692/1971 recebeu uma emenda, por meio da Lei Nº. 7.044/1982. A partir daí, a Filosofia poderia fazer parte do currículo, mas era concebida em todos os cursos de 2º. Grau como disciplina complementar, ou mesmo atribuindo-lhe caráter de optativo. (HORN; MENDES, 2007, p. 167).

As tentativas de ver a filosofia presente no currículo do Ensino Médio no Brasil, tornaram-se cada vez mais constantes, professores e defensores de uma educação que contemple a totalidade da formação humana, continuam reivindicando a inserção da mesma. Desta forma,

Por cerca de três anos tramitou na Câmara e no Senado Federal um projeto de lei complementar que substituíra o citado artigo 36 da LDB, instituindo a obrigatoriedade das disciplinas de Filosofia e Sociologia nos currículos do Ensino Médio. Após a aprovação nestas duas instâncias do Poder Legislativo Federal, o projeto foi vetado em outubro de 2001 pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso (FÁVERO e CEPPAS, 2004, p. 260).

Lembrando que o então presidente da República é formado em sociologia, foi professor na área em universidades, porém vetou o projeto justificando-se pela falta de verba e professores formados na área para atuarem em todo o Brasil.

Entre presença e ausência, a filosofia fulgurou, marcando presença na grade curricular do Ensino Médio com

A Resolução CEB/CNE n 1/2009, com fundamento no parecer CEB/CNE n 22/2008, dispõe sobre a implantação da Filosofia e da Sociologia no currículo do ensino médio, definindo que os componentes curriculares Filosofia e Sociologia são obrigatórios ao longo de todos os anos do ensino médio, qualquer que seja a denominação e a organização do currículo, estruturado este por sequência de séries ou não, composto por disciplinas ou por outras formas flexíveis (FRAUCHES E FAGUNDES, 2012, p. 86).

Após a confirmação da filosofia na grade curricular do Ensino Médio, tornou-se necessário o debate sobre como ela voltaria. Qual é o espaço que ocuparia? Qual o método apropriado para trabalhar com filosofia? Se tornaria igual às outras matérias? Como abordá-la em sala de aula? Como trabalhar com filosofia, fazendo filosofia? Essa é a problemática que tentaremos desenvolver neste artigo, ou seja, como trabalhar com filosofia em sala de aula?



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A FILOSOFIA EM SALA DE AULA

Com todos estes problemas, percebe-se também que é discutível a organização curricular da disciplina, ou seja, como tornar possível uma sequência de conteúdos para cada série, uma espécie de padronização dos conteúdos a serem seguidos por todos os professores da rede, que seja adequado a cada escola, com suas situações e condições econômicas e culturais.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio, propõe uma abordagem histórica, ao afirmar que “cabe insistir na centralidade da História da Filosofia como fonte para o tratamento adequado de questões filosóficas” (BRASIL, 2008, p. 17), mas não dispensa o trabalho de forma temático, o que causa incertezas e um não entendimento por parte dos alunos quanto o que é, e o que estuda a Filosofia, porém abre possibilidades de liberdade de trabalho para os professores, pois dentro da história da Filosofia as temáticas e as formas de abordagens podem ser plurais, enriquecendo o trabalho filosófico.

Estudando esta problemática, Balduino afirma, “defendo a tese da aproximação do texto filosófico às aulas de Filosofia no ensino médio, não como única possibilidade” (HORN, 2014). O autor está sendo entrevistado, e está respondendo exatamente sobre qual seria o melhor caminho para ensinar filosofia, ele apresenta alguns, mas adere ao ensino de filosofia pela leitura de textos filosóficos.

Segundo Porta (2002, p. 26), “o primeiro passo para entender filosofia é sempre estabelecer o problema”, sendo assim, ela apresenta outra alternativa para trabalhar filosofia em sala de aula, estabelecer problemas e a partir dos quais fazer filosofia. Esses problemas precisam estar conectados com a vida cotidiana dos estudantes, para que ao entrarem em contato com os mesmos vejam sentido em estudar filosofia.

Renata Pereira Lima Aspís, escreve sobre a possibilidade de “o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica” (ASPIS, 2004, p. 305). Inclusive, um grupo de filósofos, entre eles, Silvio Gallo, Celso Favaretto, Walter Kohan, Simoni Gallina, dentre outros, preocupados com essa questão sobre o ensino de filosofia, apontam em uma produção gravada em vídeo contendo quatro episódios,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

publicada em 21/04/2013¹⁶, onde eles debatem e apresentam essa possibilidade, ou seja, de a filosofia ser tratada no campo escolar como “experiência filosófica”.

Silvio Gallo, pensa que a experiência filosófica, deve trilhar o que Deleuze entende por filosofia, ou seja, a “experiência do pensamento por conceitos” (2013).

Walter Kohan, afirma que “a filosofia tem uma ligação muito forte com o pensar, é uma forma de exercitar o pensar na dimensão da experiência” (2013)

A pesquisadora Aspis (2004) apresenta claramente o que ela entende por “experiência filosófica” e porque defende essa possibilidade de fazer filosofia por este caminho. Segundo ela,

[...] dentro da ideia de experiência filosófica está a construção do aluno, criativamente por ele mesmo e também pelo professor. Não poderia ser de outro modo. [...] Portanto, tudo deve partir das questões dos alunos. Não há razão para pensarmos ensino de filosofia se não for da filosofia viva e vivificante que pode ser construída a partir das aflições tão humanas, do estranhamento e incômodo com a ordem vigente da vida como ela se nos aparece. A filosofia surge como tentativa de elaboração de saídas para problemas concretos, por meio da criação de seus conceitos. As questões filosóficas são universais, são humanas. (ASPIS, 2004. p. 309 - 310).

Percebe-se nestas afirmações uma preocupação com o vivido, com a existência a qual o estudante está sendo, vivendo, se fazendo enquanto ser humano, que pensa e problematiza ao mesmo tempo em que está envolto de problemas, os quais devem ser pensados, todos os dias. Nesta mesma perspectiva a autora conclui seu pensamento dizendo que:

as aulas de filosofia, como lugar da experiência filosófica, têm como objetivo oferecer critérios filosóficos para o aluno julgar a realidade por meio da prática do questionamento filosófico e da construção de conceitos, por meio do exercício da criatividade e avaliação filosóficas. Assim, além dos critérios e do modo de pensar da indústria, do consumismo ou da mídia, além dos critérios e do modo de pensar da tradição e da ciência, o aluno passará a dispor dos critérios e do modo de pensar da filosofia para compor seu pensamento de forma autônoma, pois autoconsciente e, portanto, metacognitivo. (ASPIS, 2004. p. 309 - 310).

¹⁶ Os vídeos foram publicados neste site: <http://www.youtube.com/watch?v=eQQnOCxp44>



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Aspis, (2004) toca em uma questão central no que tange o ensino de filosofia nas escolas de Ensino Médio, quando apresenta os vários tipos de pensamentos aos quais os estudantes estão acostumados a debater, porém, eles também podem aprender a pensar filosoficamente, não se exclui tipos de conhecimentos, nenhum é mais importante que o outro, porém, apresenta-se a amplitude das formas de pensar e, por que não aprender a pensar filosoficamente? Essa contribuição é essencial, ao ver a importância da ciência, da tecnologia, da indústria, também se torna necessário valorizar o pensar filosófico, a imersão crítica em meio aos outros modos de ver e conceber o mundo que os rodeia.

Cerletti e Kohan, (1999, p. 26), ao proporem o pensar crítico da filosofia, dizem que “atualmente, os diferentes níveis de educação estão sendo influenciados por saberes e práticas que tentam seduzir e legitimar valores e crenças fundamentalmente mercantis e empresariais”. Neste cenário cabe a possibilidade e a intervenção do pensamento filosófico, fundamentado nesta experiência vivenciada pelos alunos, porém, olhar para o mundo que vive e entendê-lo por outro meio, sendo o meio filosófico fundamental para tal atitude.

Foucault referindo-se a filosofia afirma:

Mas o que é filosofar hoje em dia — quero dizer, a atividade filosófica — senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? Se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferente em vez de legitimar o que já se sabe? (FOUCAULT, 1984, p. 13).

Com esse pensamento, elevamos a grandiosidade da filosofia, e por ser esse pensar sobre o que se pensa, ela pode contribuir para desnaturalizar e se opor a mercantilização das ideias, ações e relações humanas.

Essa problemática também foi tema da obra de Deleuze e Guattari, *O que é a filosofia?* (1992). Para eles, “a exclusividade da criação de conceitos assegura a filosofia uma função, mas não lhe dá nenhuma proeminência, nenhum privilégio, pois a outras maneiras de pensar e criar, outros modos de ideação que não tem de passar por conceitos, como o pensamento científico” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 17).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Favaretto (1993) descrevendo sobre o assunto, não destoa das possibilidades já elencadas, afirmando que,

não se trata apenas, e nem em primeiro lugar, da opção por conteúdos (informação, rede conceitual, problemas), mas daquilo que possa garantir a entrada nos procedimentos filosóficos; isto é, a produção da familiaridade com um modo de linguagem que articula fabricação de conceitos, argumentação, sistematicidade e significação. Qualquer programa provém de um recorte efetuado na tradição fixada como história da filosofia, no elenco das áreas filosóficas, ou então em temas de natureza diversa (éticos, políticos, epistemológicos, estéticos, etc.) sacados dos desenvolvimentos filosóficos tradicionais e atuais. (FAVARETTO, 1993, p. 78).

Este autor apresenta um programa bastante aberto, expondo ainda mais o problema curricular, pois, na cultura escolar, a qual envolve, todas as disciplinas, com seus conteúdos fixos, sequenciais, sendo que já se sabe o que cada série vai aprender e ter que dominar em todos os anos até terminar o Ensino Médio, quando chega a aula de filosofia, a partir dessa proposta, isso não acontece, não que isso seja negativo, pelo contrário, já começa a possibilidade de questionamentos, e isso é fato na filosofia, portanto, é necessário um trabalho de entendimento quanto as peculiaridades da filosofia em seus modos de abordagem, os quais já trazem o diferencial deste tipo de conhecimento, uma espécie de devir, de acontecer, sem formulas, sem pré-requisitos para outros conteúdos.

Diante destas colocações continuamos a nos perguntar, existe uma maneira que seja adequada para abordar a filosofia em sala de aula? Foi também com essa preocupação que aplicamos um questionário para alunos do segundo ano do ensino médio, e perguntamos a eles, dentre outras questões, *como você gostaria de aprender filosofia?* vejamos as contribuições a seguir.

COMO VOCÊ GOSTARIA DE APRENDER FILOSOFIA?

A pesquisa foi realizada em cinco escolas estaduais de Blumenau, com alunos do segundo ano do ensino médio. Optamos pelos alunos do segundo ano pelo fato de os mesmos já terem filosofia no primeiro, desse modo já tem alguns domínios dos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

conteúdos de filosofia e das próprias aulas, sendo que os alunos do terceiro priorizam o Enem, vestibulares e concursos variados, assim acreditamos que os alunos do segundo ano responderiam com mais tempo, e contribuiriam para o nosso trabalho. Para este artigo foram analisadas duas turmas, e apenas uma das sete questões aplicadas no Colégio Estadual Emilio Baumgarten e outra do Colégio Luiz Defino, totalizando 53 alunos.

Os alunos do Luiz Delfino responderam que: *2 – na natureza. 6 - Aulas diferenciadas, com filmes, debates e não apenas textos. 2 - com uma metodologia que torne a filosofia mais interessante onde possam utilizá-la efetivamente no dia a dia. 3 – debates. 1 – mais práticas e menos teoria. 1 – teatro. 1 – expondo o conhecimento de cada um. 2 – estudos aprofundados sobre filosofia. 1 – documentários. 3 Como aprendo hoje. Não sei 3 alunos.*

Os alunos do Colégio Emílio Baumgarten responderam que: *7– através de conversa. 3 – com filme ou imagem 7 – de forma mais dinâmica 1 – com aulas práticas 4 - como a professora já faz 3 não responderam. 1 – pendurado de cabeça para baixo 1 – lendo textos e livros. Não sei 1 aluno.*

Mesmo com respostas diversas, o que os estudantes possibilitam perceber é uma aproximação com as discussões dos autores citados, e suas contribuições são elementares para pensar a presença da filosofia no Ensino Médio. Percebe-se pelas colocações, que não obtivemos um número expressivo de respostas negativas, são colocações que denotam interesse e criticidade, no que se refere ao aprendizado de filosofia e sua importância nas ações cotidianas dos alunos, ou seja, a filosofia presente no Ensino Médio, está tendo sentido para os alunos.

Quando dois alunos, cerca de 3,7% dos que responderam o questionário utilizado para este artigo, apresentam uma resposta que ponderam a possibilidade de aprender filosofia *na natureza*, possivelmente estão sugerindo locais que incentive a liberdade, bem como o deslocamento para fora da sala de aula, eles sentem a necessidade de locais que propiciem concentração sem conflito, ou disciplina amordaçada pela cultura escolar.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

É importante salientar que 1 aluno ao responder diz que a forma adequada seria, “*lendo textos e livros*”, indo ao encontro com aquilo que preconiza Balduino, em sua proposta par ao ensino de filosofia. Ler textos filosóficos não exclui a possibilidade de problemas, ou debates, ou mais, é através dos textos que surgem as grandes preocupações filosóficas que podem ser transformados em conhecimento quando atingem o interesse dos estudantes.

A grande maioria das respostas clamam por uma metodologia que esteja ligada a conversas, debates, dinâmicas, documentários, filmes e imagens. Nestas respostas estão anunciados em cerca de 32% dos alunos a forma mais adequada de aprender filosofia, sendo que no próprio enunciado de 6 alunos, coloca-se “*Aulas diferenciadas, com filmes, debates e não apenas textos*”, deixando entrever que a prioridade, ou a maioria das aulas são através de leituras de textos, por isso a necessidade de variações metodológicas, que sejam acessíveis ao mundo dos próprios educandos.

Aprender filosofia para estes estudantes não requer a desconexão com o mundo da tecnologia, da informação ou do caráter visual ao qual estão acostumados, o seu modo de pensar é atravessado pela tecnologia, e esse é o modo que sugerem o contato com a filosofia, o pensar conectado a atualidade dos mesmos, com o mundo que os rodeia, com o que estão diariamente em contato. Se a filosofia ter essa ligação com as ferramentas que os jovens norteiam suas vidas, com o que eles ocupam seu tempo e pensamento, estimulando-os a compreender este dia-dia, torná-lo pensável, questionável, terá uma aproximação simpática dos estudantes em pensar a própria realidade.

Ao ler as respostas não se encontra enunciados que privilegiam a história da filosofia, como sugere as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, isso pode mostrar a variabilidade com que os professores de filosofia ensinam a disciplina, porém, também sugerem mais conversas e debates, o que estaria ligado com aulas que priorizam questões problemas, como sugere Mario Ariel González Porta (2002). Inserir e conseguir conectar as questões filosóficas em problemáticas que estejam ligados ao cotidiano dos alunos talvez seja o caminho a ser percorrido, tendo claro que textos,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

leituras conectadas com sistemas filosóficos produzem situações problemas quando relacionados com a atualidade e interpretados a luz do pensamento filosófico.

Para Cerletti e Kohan, (1999, p. 25), “em filosofia, qualquer afirmação é suscetível de reflexão e revisão. Em cada caso será preciso explicitar e debater hipóteses, consequências, implicações. É assim que se manifesta seu caráter radicalmente crítico”. Os alunos demonstram essa criticidade ao entenderem que as aulas para serem atraentes, precisam ter “*uma metodologia que torne a filosofia mais interessante onde possam utilizá-la efetivamente no dia a dia*”. É no cotidiano que os problemas se efetivam, por isso a importância de ligar os conteúdos trabalhados em sala com a vivência, com o que se pensa, e como se pensa, para poder aproximar-se daquilo que Foucault sugere, “pensar os próprios pensamentos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encontrar um caminho seguro para trabalhar com o que não deve ser tão seguro assim, que é a filosofia, torna-se um tanto quanto problemático, pois o trabalho com o pensamento, requer certa radicalidade e profundidade. Propor a dúvida em uma cultura escolar onde a certeza é sempre preconizada, a exatidão e os resultados são priorizados em detrimento do devir, do fazer-se enquanto ser humano em desenvolvimento, torna-se desafiante para alunos e professores envolvidos com a filosofia.

Na compreensão de Cerletti e Kohan (1999, p. 25), “ensinar disciplinas filosóficas implica por em jogo uma prática teórica concreta, um exercício rigoroso do pensamento sobre problemáticas contextualizadas”, isso parece ser o que os alunos estão apontando, pedem aulas dinâmicas, que possa produzir o efeito da admiração e espanto que Aristóteles diz ser a causa da filosofia.

O desafio de aproximar-se de um meio adequado ao ensino de filosofia, está atraindo filósofos em atividade, devido a presença obrigatória da filosofia na grade curricular do ensino médio a partir de 2008, por isso, ela tem esse caráter de novidade, e ao mesmo tempo de necessidade, pois a garantia por lei na grade curricular não dispensa os problemas do efetivo trabalho que deve ser feito a partir das aulas de filosofia, o qual necessita de responsabilidade e domínio das discussões filosóficas.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Aprender Filosofia é de fato um grande desafio, para os estudantes do Ensino Médio, mas aprender Filosofia sendo inserido na proposta e nos planejamentos dos professores torna-se mais agradável e atraente. Possibilitar e estimular os estudantes a serem agentes e participantes do processo de ensino e aprendizagem da Filosofia é de fato muito importante, pois isso pode aproximar os jovens da reflexão filosófica, portanto, esse artigo pode contribuir para melhorar a relação entre os estudantes e a própria valorização do conhecimento filosófico.

REFERÊNCIAS

ALVES, Dalton José. **A filosofia no ensino médio: ambiguidades e contradições na LDB**. Campinas, SP: Autores associados, 2002.

ASPIS, Renata Pereira Lima. **O professor de filosofia: o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica**. In: Cad. Cedes, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 257 – 284, set./dez.2004)

BRASIL, LDB. Lei 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: www.mec.gov.br. Acesso em: 12 de junho de 2013.

BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

CERLETTI, Alejandro A; KOHAN, Walter O. **A filosofia no Ensino Médio: caminhos para pensar seu sentido**. Tradução de Norma Guimarães Azevedo. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FÁVERO, Altair A. e CEPPAS, Felipe. **O ensino de filosofia no Brasil: um mapa das condições atuais**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 257 – 284, set./dez.2004. (Artigo).

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa; revisão de José Augusto Guilhon Albuquerque. Edições Graal: Rio de Janeiro, 1984.

FRAUCHES, Celso da Costa. FAGUNDES, Gustavo M. LDB: **Anotada e comentada e reflexões sobre a educação superior**. 3 ed. ILAPE: Brasília. 2012



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

HORN, Geraldo Balduino. MENDES, Ademir Aparecido Pinhelli. **Filosofia, ensino e resistência: construindo um espaço para filosofia no currículo do ensino médio da escola pública paranaense.** Disponível em:

http://www.utp.br/cadernos_de_pesquisa/pdfs/cad_pesq4/10_filosofia_cp4.pdf, p. 165 – 180. Acesso em: 06 set. 2020.

PORTA, Mario Ariel González. **A Filosofia a partir de seus problemas: Didática e metodologia do estudo filosófico, aponta para a necessidade de estudar a filosofia através de seus problemas.** Edições Loyola: São Paulo, 2002.

<http://portalcienciaevida.uol.com.br/esfi/Edicoes/84/artigo292510-1.asp>, Entrevista com Geraldo Balduino Horn. Acesso: 04/03/2014.

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12768&Itemid=866). Acesso em 21 fev. 2014.

GALLO, Silvio, CELSO Favaretto, KOHN

<http://www.youtube.com/watch?v=eQQnOCxp44>, vídeos publicanos em 2013.

Recebido em: 01/08/2021

Aprovado em: 04/11/2021

Publicado em: 29/12/2021